

PESQUISAS EM ANDAMENTO

A prática pedagógica do egresso do 2.º Grau da habilitação magistério, nas séries iniciais do 1.º Grau

Pesquisadoras:

Anna Maria Salgueiro Caldeira
Edi Vasconcellos Paiva
Maria Rita N. Sales Oliveira
Sandra Azzi

A pesquisa tem como objeto de estudo a formação de professores nos cursos de 2.º Grau, tendo por referência a prática do egresso desses cursos. O objetivo geral da pesquisa consiste em analisar essa prática pedagógica, tal como se desenvolve nas séries iniciais (1.ª e 2.ª) do ensino de 1.º Grau, considerando dois veios básicos: a organização do trabalho na escola de 1.º Grau e a organização das atividades didáticas na sala de aula dessa escola.

A partir daí, a prática desses professores na escola de 1.º Grau, campo

de trabalho da pesquisa, será estudada através da metodologia de investigação qualitativa, própria da pesquisa participante, discutindo-se os aspectos que facilitam ou inibem a prática pedagógica do egresso do ensino normal. Os resultados do estudo serão coletivizados nas instituições participantes da pesquisa e também em outras, envolvidas com a formação do professor das séries iniciais do ensino de 1.º Grau.

Financiamento: FINEP
Período: 1988-90

Diagnóstico da mulher brasileira nos anos 80

Este projeto tem por objetivo analisar a situação da mulher brasileira no período 1975/1985, denominado pela ONU de "Década da Mulher". O projeto está sendo desenvolvido em várias regiões do País, sob a coordenação nacional da Fundação Carlos Chagas e apoio financeiro da Fundação Ford. Em cada região o trabalho compreende a análise dos seguintes temas: mercado de trabalho; educação; creches; saúde; participação política; partidos; sindicatos e movimentos sociais; mulher negra e política governamental.

O grupo de pesquisadoras da UFMG, sob a coordenação da Professora Glaura Vasques de Miranda, é responsável pela análise da situação da mulher nos estados de Minas Gerais e Espírito Santo. A equipe de pesquisadoras é a seguinte: Mercado

de Trabalho - Cristina Almeida Cunha Filgueiras; Educação - Carmen Regina Maia; Creches - Lívia Maria Fraga Vieira e Regina Lúcia do Couto Melo; Saúde - Mônica Ângela de Azevedo Meyer; Participação Política - Silvana Maria Leal Cóser; Mulher Negra - Shirley Maciel da Silva e Eliane Marinalva de Souza; Política Governamental - Glaura Vasques de Miranda.

Está ainda sendo organizada a "Bibliografia Anotada de Autores Mineiros" sobre o tema *Mulher*, sob a responsabilidade de Vânia Regina Peres Drumond.

Participam também da equipe, na condição de estagiárias: Fátima Pinheiro de Barcelos; Maria Cecília de Araújo Jorge Accioly; Denise Pirani; Eunice Margaret Coelho e Elisa Cristina Hermont de Melo.

O espaço não docente no fazer pedagógico

Pesquisadoras:

Iris Barbosa Goulart
Maria Aparecida Paiva Soares dos Santos

A proposta da pesquisa prende-se à resposta a duas questões fundamentais: existe um espaço de atuação no fazer pedagógico da escola para um elemento não docente? Qual a especificidade desse espaço, se é que ele existe?

Preende-se realizar uma análise das necessidades da escola, a partir da avaliação dos profissionais que ali vivem seu cotidiano: professores e "especialistas". Essa análise deverá possibilitar a identificação de atividades, indispensáveis à transmissão e assimilação do saber na escola, que não são desempenhadas pelos professores em sala de aula.

À medida que a análise esclarecer a natureza das atividades não docentes observáveis ou desejáveis na prática pedagógica, tornar-se-á possível a identificação de competências profissionais necessárias à sua realização. Assim, analisando-se as dimensões docente e não docente da escola, e as condições estruturais de sua viabilização na realidade brasileira, acabaremos recolocando a questão da identidade do Curso de Pedagogia, sua relação com os demais cursos destinados à formação de professores e suas possibilidades como curso destinado especificamente à formação de educadores.

Partindo, portanto, do contato com a rotina da escola, pretendemos identificar as atividades de cunho essencialmente pedagógico, indispensáveis ao fazer pedagógico, e daí fornecer subsídios para a formação do educador nas Faculdades de Educação.

O universo da pesquisa é a escola brasileira de primeiro grau, e para representá-lo tomamos uma amostra das escolas de Belo Horizonte, da rede pública e da rede particular, tanto das consideradas grandes como das consideradas pequenas, e ainda, nas duas categorias anteriores, escolas do centro da cidade e da periferia.

O instrumento utilizado para a coleta de dados deve ser a entrevista semi-estruturada, a fim de possibilitar melhor relacionamento entre entrevistador e entrevistados, permitindo, ainda, o fornecimento máximo de informações.

A pesquisa é financiada pelo CNPq e tem prazo de um ano para ser realizada. O trabalho de campo foi iniciado em março próximo passado e estamos, no momento, realizando as entrevistas com os profissionais das escolas selecionadas.

No domínio da imagem II

Pesquisadora:
Elza Maria CATALDO
FAE / UFMG

Cumprindo o prometido venho, mais uma vez, relatar o desenrolar da pesquisa "DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM DA LEITURA E DA ESCRITA: UMA NOVA ABORDAGEM METODOLÓGICA", que realizo juntamente com TÂMARA BRAGA RIBEIRO.

Só para lembrar: essa pesquisa tem como objetivo central registrar a aprendizagem da leitura e da escrita, tendo em vista a busca da superação de suas dificuldades específicas no interior da instituição escolar. Nessa perspectiva, procura acompanhar a política de alfabetização implementada pela rede municipal de Ibirité. No que se refere à metodologia, propõe a utilização da imagem em movimento e sonorizada, captada através do vídeo, como instrumento de investigação.

Ultrapassando o período de inserção¹, pudemos finalmente iniciar a

¹ Etapa relatada em "EDUCAÇÃO EM REVISTA" nº 6.

filmagem mais sistemática de uma sala de 1ª série.

Trata-se de uma unidade escolar regular, pequena, de 1ª a 4ª série do 1º Grau, com duas salas de aula que funcionam em dois turnos (manhã e tarde). A escola se localiza numa região verde, de plantação de hortas, embora vizinha de uma mineradora.

A sala de 1ª série possui iluminação suficiente para as filmagens² e é relativamente espaçosa, o que facilita a movimentação da câmera.

No que diz respeito à professora, é uma profissional experiente, que acompanhou toda a formulação da proposta de alfabetização da rede municipal de Ibirité, tendo um ótimo relacionamento com o grupo de professoras da 1ª série e com sua coordenação educacional. Empenhada e disposta a realizar o trabalho de pesquisa conjuntamente conosco, tem participado da sua evolução.

O número restrito de alunos (oito) foi também um dos critérios na escolha dessa sala, pois nos permite um detalhamento maior no acompanhamento de cada criança.

São crianças que vivem em condições precárias, embora não miseráveis, heterogêneas no que se refere aos níveis de concepção da alfabetização,³ e que não demonstram constrangimento em relação à nossa presença e da câmara.

Dentre as várias opções, decidimos privilegiar a filmagem da relação professor-aluno, ou seja, investigar como se dá o processo de transmissão e aquisição da leitura e da escrita. Acentuamos, através da imagem, as hipóteses formuladas pelo aluno na apreensão do código escrito e as intervenções facilitadoras da professora na construção desse conhecimento.

Para isso, registramos as atividades que foram apontadas na fase inicial da pesquisa como fundamentais na dinâmica da sala. Interessava-nos ressaltar como elas eram realizadas e em que se diferenciavam dos exercícios escolares utilizados em salas de 1ª série, que em geral resultam no

² Uma vez que consideramos importante trabalhar com um equipamento reduzido e leve - para diminuir o grau de interferência na rotina da sala - esse tipo de critério foi também ponderado.

³ Estou me referindo aos níveis definidos por Emília Ferreiro na psicogênese da alfabetização: pré-silábico, silábico, silábico-alfabético e alfabético, que são utilizados pela equipe de Ibirité.

fracasso do aluno, cristalizando e produzindo dificuldades de aprendizagem.⁴

As atividades filmadas foram: roda, ditado, fichas, painel, quadro-negro e leitura. Passo agora a esclarecer resumidamente cada uma delas.

Roda: Espaço de discussão coletiva, de diálogo, de decisões, do confronto das dificuldades, do resgate de uma postura de pesquisa - alunos e professores pesquisadores - "o que a gente quer é que a criança seja bom leitor, bom escritor, para extrair significados".

Ditado: É um momento em que, individualmente ou em grupo, a criança pensa e se permite lançar-se na escrita; um momento em que ela arrisca. "Ela pode errar, ela pode acertar, o que não vale é escrever sem pensar". Momento de emersão do conflito cognitivo e de intervenção da professora, desde seu surgimento.

Fichas: Atividade de consolidação de palavras já trabalhadas e de descoberta de novas.

Painel: Lugar organizado para se colocar determinado tipo de produção. Arquivo dinâmico do trabalho da sala. Referência para os alunos. "Os muros de uma sala de aula devem ter vida".

Quadro-negro: Utilizado frequentemente no decorrer das outras atividades é também utilizado na produção de textos coletivos. Aqui, as palavras contextualizadas se transformam, de frases, em "textos vivos".

Leitura: Desenvolvimento do ato de ler em voz alta e do prazer inerente à descoberta de um texto escrito.

De posse desse material filmado, e tendo como próxima etapa a sua edição, realizei - através do CNPq⁵ -

⁴ Em Ibirité, trabalha-se dentro de um novo enfoque. Tendo como referência as pesquisas de Emília Ferreiro sobre a gênese da alfabetização, desloca-se a concepção de dificuldade da aprendizagem tradicional para a questão do conflito cognitivo.

⁵ CNPq: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.